



# *Veia Autista*

A ARTE DE VER DIFERENTE



## Nota Introdutória

*Veia Autista* expõe obras que são frestas pelas quais pessoas com autismo permitem entrever o seu mundo interior e a sua visão do mundo exterior.

Há na exposição um convite para, de espírito aberto, nos tornarmos mais do que espectadores destas obras de arte profundamente individuais e variadas, que são formas de comunicação que assumem características bem representativas da personalidade, gostos e vivência dos seus autores, nelas se encontrando ingenuidade, complexidade, minimalismo, obsessão pelo pormenor ou pela representação simbólica ou naturalista...

Assim, ao visitar a exposição, somos convidados a partilhar uma expressão da vida de pessoas com autismo, com o respeito e a admiração que estas nos merecem e, em relação ao Paulo e ao Nando, também com o sentimento de que as suas obras nos permitem continuar a ter presentes duas personalidades marcantes.

A todos os que aceitam o convite, o agradecimento da APPDA-Lisboa!

Presidente da APPDA- Lisboa

*Maria Paula Machado de Sousa Figueiredo*

## *Veia Autista*

A exposição *Veia Autista* nasce do impulso de reconhecer e dar espaço à expressão singular de um grupo de artistas cujo traço não obedece a normas nem convenções — obedece, antes, à urgência do sentir e do observar o mundo à sua maneira. Esta não é apenas uma mostra de trabalhos visuais; é um mapa afectivo de perspectivas, de obsessões, de ritmos, de silêncios e de gestos que revelam uma outra gramática sensorial.

Ao longo de vários meses, dentro da Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo, foi crescendo um corpo de obra que espelha a relação íntima de cada autor com a criação. Uns trabalham compulsivamente, como quem precisa de organizar o mundo à sua volta. Outros procuram imagens que falam do que amam: carros, pássaros, comboios, figuras humanas, referências da cultura pop ou memórias da infância. Muitos não falam, mas todos se expressam. E essa expressão, quando escutada com atenção, revela uma complexidade e uma beleza que tantas vezes escapa ao olhar apressado.

A *Veia Autista* é, por isso, um espaço de revelação. Revela não só a qualidade artística destes criadores, mas também a importância de os reconhecer enquanto artistas — com voz, com percurso, com assinatura. Porque aqui o que conta não é apenas a “arte que fazem”, mas o modo como a fazem: com verdade, com persistência, com uma sensibilidade que não se aprende — é da ordem do instinto, da necessidade.

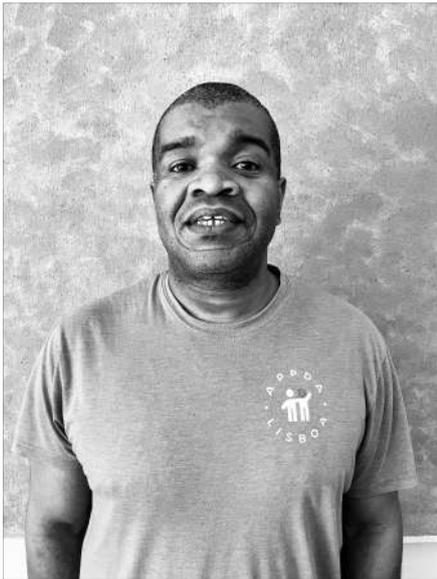
Esta exposição é um convite a parar e a olhar. A perceber que há outras formas de ver. A aceitar que há beleza no desvio, no detalhe repetido, na linha que não quer ser perfeita, mas honesta. É um agradecimento a todos os que, com os seus desenhos, colagens, esculturas e garatujas, nos lembram que criar pode ser um acto tão vital como respirar.

A Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo de Lisboa agradece profundamente a todos os artistas que partilharam, com autenticidade e sensibilidade, o seu olhar sobre o mundo. Esta exposição é uma celebração da sua expressão, do seu talento e da riqueza de um universo que merece ser visto, escutado e valorizado.

*No silêncio do traço, revela-se o que é raro — o que só assim se pode dizer.*

Amílcar Mahala

6 Junho 1977



Micas — como é carinhosamente conhecido — é um dos artistas mais autônomas e curiosos da associação. O seu traço, apesar de se manter numa linguagem naïf e simplificada, revela uma enorme sensibilidade visual e uma atenção ao detalhe que surpreende. Trabalha quase sempre a partir de referências, sobretudo de figuras femininas — muitas vezes nus — que observa com naturalidade, sem pudor nem julgamento, como quem vê formas e corpos enquanto expressão do mundo.

O mais interessante no trabalho do Micas é a forma como, mesmo quando parte de imagens complexas ou de obras clássicas, como as de Basquiat, as recria com a sua própria linguagem. Há uma vibração nos seus desenhos que resiste à cópia: é uma reinvenção inocente, pessoal, feita de intuição e liberdade. E mesmo quando parece distante da carga simbólica ou política dessas referências, há nos seus desenhos uma honestidade tocante — uma simplicidade que, longe de empobrecer, enriquece.



Ana Cláudia Lopo  
9 Julho 1976



A Ana Cláudia é uma artista silenciosa, mas o seu trabalho fala com clareza. Não-verbal, precisa sempre de uma referência para começar a desenhar — seja uma imagem de revista, um livro ou, por vezes, até o trabalho de um colega. Mas o que poderia parecer mera cópia transforma-se rapidamente em expressão própria.

Há algo profundamente intuitivo na forma como desenha. As figuras que cria são, muitas vezes, arredondadas, gordinhas — como ela própria. Quando desenha animais, por exemplo, estes adquirem uma presença corpulenta e terna, quase como se fossem extensões do seu corpo e da sua visão do mundo.

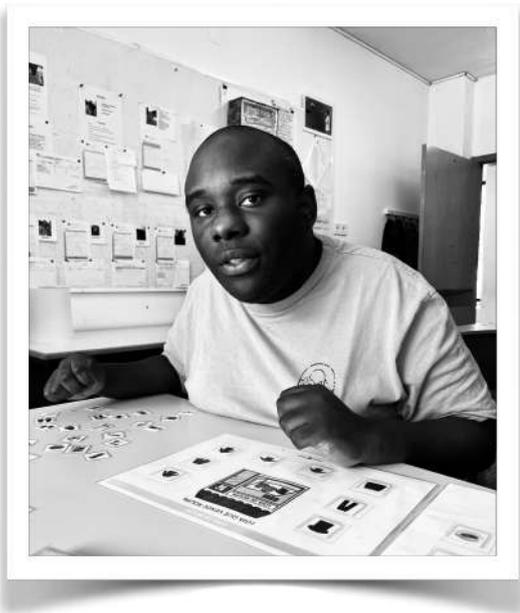
A sua forma de colorir é também única: aplica a cor por traços metódicos, linha a linha, em camadas sequenciais que lembram padrões digitais. Nos formatos maiores, esse processo resulta em composições visualmente hipnóticas, com um ritmo quase meditativo. No silêncio da Ana Cláudia, há um universo inteiro que se revela devagarinho, com paciência e beleza.





Carlos Alberto José

4 Abril 2002



O Carlos Alberto desenha obsessivamente a mesma figura — e é isso que a torna tão especial. Um rosto sorridente, dois olhos circulares, uma linha central e um emaranhado de riscos que se espalham em redor, como cabelo, barba ou raios de um sol.

O processo é quase ritualístico: começa por dois círculos centrais, depois um maior à volta, traça uma linha vertical e vai, com a cadência de um compasso, acrescentando camadas. Se tiver à sua disposição várias canetas, o resultado é ainda mais exuberante — os riscos multiplicam-se em cores e texturas, criando desenhos de uma beleza psicadélica e profundamente autêntica.

Esta repetição, longe de limitar a criatividade, transforma-se numa assinatura. É arte na sua forma mais instintiva, mais pura. O boneco do Carlos é o seu mundo, o seu ícone, e a sua forma de comunicar com quem o observa.





Catarina Loureiro

19 Março 2005



A Catarina Loureiro - Taty - desenha com um pé no agora e o outro bem dentro de si. Fascinada pelo universo pop — os jogos, os filmes, as figuras da cultura digital contemporânea — transforma essas referências num terreno fértil para criar personagens que respiram para lá do ecrã. Não são apenas ícones do mainstream: são espelhos, pretextos, matéria para pensar e sentir.

Aprendeu estrutura através de manuais de manga e aplica esse conhecimento com um rigor surpreendente. Mas há algo ainda mais interessante: as linhas auxiliares, que na maioria dos desenhos servem apenas de apoio, ela escolhe mantê-las. Essa transparência, esse não esconder o processo, confere às suas obras uma vibração especial — como se o desenho ainda estivesse a acontecer, a pensar-se, a revelar-se aos poucos.

A Catarina não desenha apenas o que vê: desenha o que sente. Traduz angústias, observa colegas, capta traços de personalidade e recria tudo com uma sensibilidade muito própria. O seu traço, mesmo quando se aproxima do lúdico ou do imaginário juvenil, carrega sempre um fundo de honestidade emocional — é jovem, sim, mas também profundamente humano.





Francisco José  
14 Novembro 1961



O traço de Xico Zé é um mundo à parte — onde os animais ganham vida com linhas soltas, cores vivas e uma simplicidade que emociona. Há vacas que pastam em Montemor e melros que pousam nos ramos negros de um papel povoado de memórias. Cada desenho é uma janela para o seu universo pessoal, onde a casa, a irmã e os carros tornam-se ícones quase sagrados, repetidos com carinho e uma lógica muito própria.

Embora a sua expressão beba do traço naif — com contornos que parecem desenhados pela infância — há nela uma maturidade silenciosa, uma insistência em contar o que importa. Os temas que escolhe não são apenas figuras: são fragmentos da sua vida, do que observa, do que ama. A vaca de Montemor, por exemplo, já não é apenas um animal, mas um símbolo — recorrente, quase totêmico.

Xico Zé desenha como quem se lembra: com precisão emocional, com espontaneidade gráfica, e com uma verdade que atravessa o papel.





Fernando Jorge Seabra

23 Agosto 1973 - Dezembro 2023

Nando Jorge — como carinhosamente assinava — foi um artista de traço simples e de coração aberto. Extremamente acarinhado por todos na associação, o seu desenho era um reflexo direto da sua personalidade: espontâneo, gentil e cheio de ternura. A figura que mais repetia era o seu boneco de sempre — uma carinha sorridente, dois riscos para os olhos, um para o nariz e uma linha central, quase como se ali coubesse todo o mundo. Era um gesto inocente, quase ritual, que usava também para representar o sol, e que se tornou um símbolo da sua presença entre nós.



O Nando adorava comboios — desenhava-os com entusiasmo e conhecia todos os seus detalhes. Mas o que tocava verdadeiramente era a forma como desenhava as pessoas à sua volta, com pequenos pormenores que não lhe escapavam: a cor do cabelo, um acessório, um traço distintivo. Era o seu modo de olhar e de cuidar.

O traço naïf que definia o seu trabalho era mais do que uma linguagem estética — era um espelho do seu modo de ser. Havia nele uma doçura quase infantil, uma transparência que conquistava de imediato quem com ele se cruzava. Os seus desenhos continuam a ser lembrados como imagens que falam com clareza sobre afecto, ligação e presença.

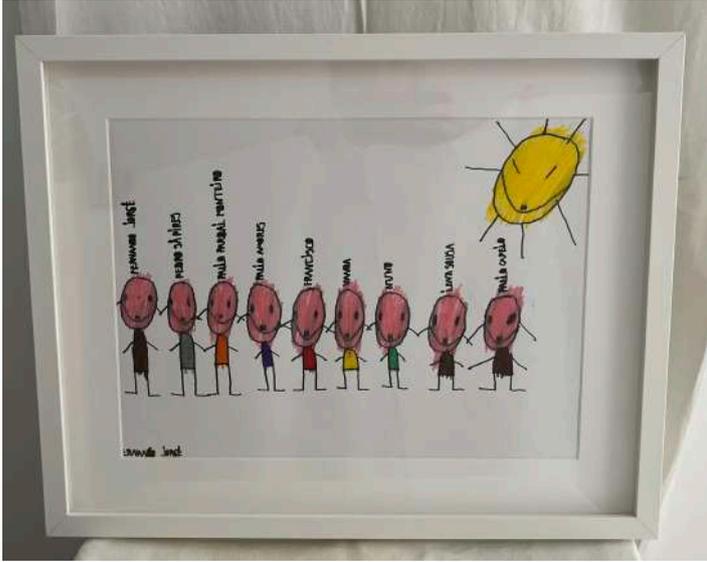
A sua obra permanece como símbolo e memória — tão leve e tão marcante como o sorriso que sempre colocava nos seus desenhos.





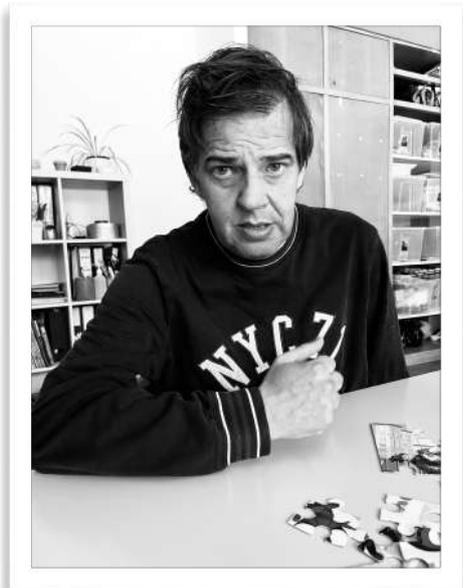
PORTO CONDOMÍNIO INTERCÍVICAS PERMANENTE NATARE UNO - 20 - MARÇO 2008





Jaime Rebelo

26 Maio 1971



O Jaime desenha veículos com uma precisão quase apaixonada. Comboios, autocarros, carros — são mais do que temas para ele: são fascínios, objectos de encantamento que observa com um olhar quase técnico. E é precisamente isso que impressiona: a sua capacidade de representar em perspectiva, com detalhe e coerência espacial.

Muitos dos seus trabalhos são feitos com lápis azul — talvez por preferência estética ou por simples hábito —, mas esse tom confere aos seus desenhos uma aura particular, uma espécie de serenidade mecânica.

Desenhar, para o Jaime, é uma forma de saborear o que ama. E nos seus desenhos sente-se isso: o prazer genuíno de observar e construir, linha a linha, um universo pessoal feito de motores e movimento.





Leonel Inácio  
15 Novembro 1987



O Leonel Inácio desenha com a cabeça nas nuvens e o lápis no subconsciente. Parte de referências, mas raramente se limita a copiá-las. O que começa como um animal ou uma figura rapidamente se transforma — as proporções alteram-se, os contornos fragmentam-se, e o resultado final tem algo de esquizofrênico, no melhor sentido do termo.

Há um caos no traço do Leonel que fascina. Não segue regras convencionais de composição ou de cor. Às vezes muda os tons, troca elementos ou introduz figuras sem ligação óbvia. Mas é precisamente esse caos que torna os seus desenhos tão ricos. Uma espécie de desordem organizada que nos obriga a olhar duas vezes.

A arte do Leonel não é imediata — é uma construção interior que nos desconcerta e desafia, deixando-nos sempre com a sensação de que há algo mais por descobrir.





Óscar Fraser

8 Outubro 1987



O Óscar Fraser é um criador nato. Escultor por instinto, transforma qualquer material — papel, cartão, fita cola, madeira, fios, o que estiver à mão — em construções que nos obrigam a parar e a observar. Há uma urgência no seu processo, quase uma compulsão, que o impele a criar, a continuar, a não parar. E essa entrega total ao acto criativo torna cada escultura num objecto vivo, carregado de energia.

O seu trabalho aproxima-se, por vezes, de nomes maiores da escultura moderna — não tanto pelo resultado final, mas pela atitude: há qualquer coisa de Giacometti na forma como o Óscar modela o espaço, na maneira como trabalha os materiais com foco e obsessão, com gosto no próprio processo.

É o único artista da associação cuja linguagem principal é a escultura, o que o torna ainda mais singular. No Óscar, a arte não é apenas um meio de expressão — é um canal directo entre o seu mundo interior e o mundo que o rodeia. E isso sente-se, de forma intensa, em cada uma das suas criações.



Paulo Amores

7 Dezembro 1965 - 30 Novembro 2023

O trabalho de Paulo Amores é um mapa de obsessão e de silêncio. À primeira vista, os seus desenhos e pinturas podem parecer caóticos, fragmentados, sem um propósito evidente. Mas basta olhar com mais atenção para perceber que ali reside uma lógica interna, quase matemática, profundamente autêntica e pessoal. Paulo trabalhava movido por uma compulsão criativa que o ajudava a regular o mundo à sua volta — uma necessidade vital, típica de muitos percursos no espectro do autismo.



As suas composições eram construídas com imagens alfanuméricas, repetições, riscos, e códigos que só ele parecia entender. Utilizava os dedos como régua, media intuitivamente os espaços entre linhas, escolhia cores e posições com uma precisão invisível ao primeiro olhar. Cada camada que acrescentava — mesmo que semelhante à anterior — era uma variação intencional, uma nova nota dentro de uma música que apenas ele ouvia.

No final, esses gestos repetidos e controlados geravam superfícies densas, hipnóticas, de uma força visual única. Havia beleza no seu rigor, poesia na sua persistência.

A obra de Paulo permanece como um testemunho singular de uma expressão íntima, coerente e profundamente sensível.



Tiago Almeida

22 Setembro 1987



O Tiago Almeida é conhecido pela sua impressionante capacidade de reprodução. Com um traço naïf mas firme, copia imagens com uma fidelidade assinalável — adapta proporções, respeita escalas e, de forma quase instintiva, faz caber o desenho dentro do espaço da folha, mesmo que comece num canto ou numa margem.

Há quem o chame de "pantógrafo humano", pela sua precisão. Mas o que verdadeiramente interessa é o modo como as imagens, mesmo copiadas, passam a carregar o seu olhar. Quando lhe são dadas obras clássicas, o Tiago filtra-as pela sua sensibilidade, pelo seu ritmo, pela sua lógica. E é aí que se revela o artista: na tradução pessoal de referências maiores.

Apesar de temperamento forte, o Tiago mantém uma ligação profunda com o acto de desenhar. A sua obra pode ser vista como um exercício de atenção — à forma, à estrutura, ao detalhe — mas também como uma homenagem ao prazer de ver e de representar.





## *Nota de Homenagem*

Nesta exposição, prestamos uma sentida homenagem a dois artistas que nos deixaram recentemente: Paulo Amores e Fernando Jorge Seabra. Os seus trabalhos, aqui presentes, testemunham a sensibilidade singular e o olhar irrepetível com que ambos se relacionavam com o mundo. Com traços profundamente pessoais, marcaram o universo artístico com uma linguagem própria, feita de silêncio, intensidade e autenticidade. Ao incluirmos as suas obras nesta mostra, celebramos não só os artistas, mas também as pessoas que foram — sensíveis, únicas, profundamente humanas.

Porque há gestos que não morrem — ficam a habitar o tempo, como quem nunca partiu.

## *Oficina de Expressão Plástica*

Na APPDA Lisboa (Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo), a Oficina de Expressão Plástica é um espaço de criação, escuta e liberdade. Foi-se transformando ao longo dos anos, acolhendo diferentes coordenadores, artistas e linguagens — mas manteve sempre o mesmo propósito: ser um lugar de expressão para quem comunica por outras vias.

Na sua orientação actual, a oficina respira uma abordagem profundamente enraizada na educação artística e na educação pela arte. Coordenada por uma artista plástica e educadora artística, o trabalho aqui desenvolvido parte de um princípio essencial: o respeito — por quem cria, por quem observa, por quem acompanha.

Existe técnica, sim, trazida com sensibilidade e conhecimento; mas, mais do que isso, existe um compromisso com a liberdade expressiva. Aqui não se impõe um estilo, não se ensina um modo certo. A criação acontece num espaço que acolhe a existência de cada pessoa tal como ela é, sem julgamentos.

A oficina tornou-se, assim, um território singular — onde o fazer artístico é também um acto de confiança, de escuta e de cuidado mútuo.

*Catarina Ladeira*



The background is a teal color with several large, irregular splatters of yellow and pink. The yellow splatters are located in the upper left and lower left areas, while the pink splatters are in the upper right and lower right areas. The text is centered in the middle of the image.

**Uma exposição sobre a arte que nasce do sentir.  
Sobre traços que fogem da norma, mas nunca da verdade.  
Um olhar autista, pleno de expressão.**

**2025**